



Borba

Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2015)

ATA N.º 2/2015

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BORBA

REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E QUINZE

Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e quinze, no Salão Nobre dos Paços do Município, reuniu pelas dez horas, em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Borba, com a seguinte ordem de trabalhos:-----

----- **PONTO ÚNICO:** *Sessão solene comemorativa do quadragésimo primeiro aniversário do vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro*-----

-----Tendo presente o nº 1 do artigo 28º da Lei 75/2013 de 12 de Setembro lavra-se a presente ata--

----- **O Senhor Presidente da Assembleia Municipal** procedeu à abertura da sessão e ordenou a realização da chamada, verificando-se a presença dos Membros: Luiz Manuel dos Santos Bimbo; Ricardo Jorge Brinquete Lapão; Rui Miguel Tavares Nobre Franco; Célia Maria Matos Alpalhão; Pedro Manuel Alpalhão Bilro; Leonel António Valentim Infante; António Júlio Florindo Prates; Ângelo João Guarda Verdades de Sá; Francisco José Ramalho Mendes; Joaquim Manuel Ganito Trincheiras; Augusto Manuel Bilro Guégués; Paulo Jorge Ramos Ferreira; João Miguel Cordeiro Geadas Letras; João Pedro Velez Paulo; Françoise de Cortes Emery; Crispim Francisco Avó Lopes; Paulo Jorge Panasco Aires; Quintino Manuel Primo Cordeiro; João António Ameixa Morgado.-----

Verificou-se a ausência do membro : Pedro Manuel Lopes Grego, que justificou a sua falta. (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº. 1**), e foi substituído pelo membro Françoise de Cortes Emery.

----- **O Presidente da Assembleia Municipal** disse que, como era costume, na sessão comemorativa do vinte e cinco de Abril usariam da palavra as quatro forças políticas com representação na Assembleia Municipal, por ordem crescente de representatividade, a seguir o Senhor Presidente da Câmara Municipal e, no final, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal.---

----- Informou que tinha sido lançado, pela mesa da Assembleia Municipal, um desafio à Escola EB2,3 de Borba, no sentido de trazerem uma visão diferente dos jovens, naquele caso de duas jovens do 9º ano, do que que tinha sido o 25 de abril e aquilo que o mesmo representava. -----

----- Disse que aquela sessão seria iniciada com os discursos daquelas duas jovens. -----

----- Seguidamente chamou a jovem Maria Inês Carapeta, para que aquela lesse o discurso (o qual se anexa no final desta ata, como **anexo n.º2**). -----

----- Em seguida leu o seu discurso a jovem Rute Canhão Pereira que se anexa no final desta ata, como (**anexo n.º3**). -----

----- O senhor Presidente da Assembleia Municipal agradeceu às duas jovens a sua participação



Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2015)

naquela sessão do 25 de Abril da Assembleia Municipal e, de seguida, cedeu a palavra ao representante da CDU. -----

----- O membro **João Pedro Paulo** em representação da força política **CDU** -Coligação Democrática Unitária, proferiu o seu discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo n.º 4**). -----

----- Seguidamente o senhor **Presidente da Assembleia Municipal** cedeu a palavra ao senhor **João Miguel Geadas Letras**, que em representação da força política **PSD** – Partido Social Democrata, leu o discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo n.º 5**) -----

----- Seguidamente discursou o membro representante do **PS** - Partido Socialista, o senhor **João Manuel Morgado**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo n.º 6**). -----

----- Seguidamente discursou o membro representante do **MuB** - Movimento Unidos por Borba, o senhor **Rui Miguel Franco**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo n.º 7**). -----

----- Seguidamente proferiu o seu discurso o senhor **Presidente da Câmara Municipal**. -----
- Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal -----

Digníssimos Membros da Assembleia Municipal -----

Presidentes de Juntas -----

Ilustres Vereadores-----

Disse aqui no ano passado: vinte cinco de abril quarenta e um anos. E continuando trezentas e oito câmaras, vezes , mais ou menos quatro discursos, são muitos discursos! Está tudo dito sobre o vinte cinco de abril, em termos históricos! Foi uma vitória extremamente importante dos Portugueses, os militares portugueses tiveram a coragem de acabar com um regime que não servia, regime de ditadura que só resolvia os problemas de alguns.-----

Nesta altura, falarmos do vinte cinco de abril é falar de memória, mas acima de tudo, é falar de futuro. Muito mais importante, que dizer que há problemas sérios para resolver, é tentar resolvê-los. E cada um resolve-os há sua maneira. Cada força política terá a sua opinião em relação às situações, mas deverá ter sempre um objetivo. Qual é o objetivo? Resolver os problemas das pessoas, servir as pessoas. -----

*Há uma data muito importante que hoje se comemora. Faz hoje quarenta anos que foram as primeiras eleições livres, que deram origem à Assembleia Constituinte. Os Militares prometeram que ao fim de um ano, teriam eleições. A partir daí começou a **Democracia** a funcionar.*-----

O PS ganhou as eleições, PSD em segundo lugar, a seguir o PCP em terceiro lugar, e as coisas equilibraram-se e foram andando.-----

E neste momento, a governação que tem sido feita neste país, tem sido feita pelo partido Socialista e pelo PSD, os ditos partidos do arco da governação de Abril.-----

É inegável, que os governos depois do vinte cinco, nesses quarenta anos fizeram muita coisa por Portugal, está há vista!-----



Borba

Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2015)

Também é inegável, que os últimos quatro anos, merce de políticas, em que uns dizem que são mal feitas, e outros dizem que são bem-feitas, as coisas não têm sido fáceis. Nada fáceis!-----

*Quais são as soluções que nós temos para isto? **Primeiro** lugar, não abdicar civicamente de intervir. Há pouco foi dito aqui, que o voto é a arma que nós temos. Se nós abdicarmos desse voto, senão tivermos a capacidade de participar, de exigir, a quem governe, que governe melhor, naturalmente que é muito complicado, e dificilmente o país evoluirá como todos pretendemos.-----*

Gostava de partilhar com vocês duas ou três reflexões. Dois milhões de pessoas portuguesas, abaixo do linear de pobreza, ou seja, dois milhões de pessoas sem condições de comer, o mínimo o indispensável.-----

*Dificuldade de acesso há **Saúde**, dificuldade de acesso há **Educação**, de quem é culpa? A culpa é de quem governa? Mas acima de tudo, a culpa é de quem não exige soluções. Uma coisa é falar, outra coisa é atuar. Uma coisa é fazermos aqui discursos muito bonitos, em que está tudo escrito, outra coisa é o terreno, o dia-a-dia. Não é com manifestações, com poucas propostas que se resolvem os problemas, mas sim com atitude, e essa atitude faz falta a todos nós. Somos comodistas por natureza, vamos andando, vamos falando. Acima de tudo temos uma coisa muito má, temos pouca noção da memória, temos pouco respeito por aqueles que estiveram antes de nós. Como há pouco foi dito, os nossos avós, os nossos pais, todos trabalharam para quê? Para que nós tivéssemos um futuro melhor, e nós trabalhamos para quê? Para que os nossos filhos tenham um futuro melhor. E esse **Futuro** melhor prende-se acima de tudo com **Atitude**, **Solidariedade**, prende-se com **Justiça**, prende-se com **Caráter**, prende-se com **Frontalidade**. Muitas vezes, nós esquecemos esses pormenores, vamos andando. E quando nós abdicamos da nossa personalidade, da nossa capacidade de intervir civicamente, perdemos tudo.-----*

*Faz hoje quarenta anos que foram as primeiras eleições livres, há quarenta anos que estamos em **Democracia**. Na altura que começou o vinte cinco de abril, queria fazer a história ao contrário, voltamos para trás. " **O dizer adeus, o ficarmos sós, quis saber quem sou, o que faço aqui, quem me abandonou, de quem me esqueci**. Não é em vão que esta canção é escolhida para dar início ao movimento dos Capitães. Felizmente durante a minha vida pessoal conheci muitos Capitães de abril, que tiveram a coragem de alertar, de defender e de abandonar, na altura certa. Grande parte deles esquecidos, grande parte deles desprezados, mas nós estamos hoje aqui, porque foram os Capitães de abril que criaram esta situação. **Existe uma outra fase muito interessante, onde é aplicada a canção da Grândola Vila Morena /Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena/ Dentro de ti ó cidade**. São duas canções simbólicas para o país que nós queremos. Queremos um país justo, um país solidário, um país rico, um país onde os jovens não tenham que abalar, daqui para fora, porque aqui não há trabalho. De quem é culpa? Se calhar de todos nós. Provavelmente de quem é governo, seja ele central ou local. Vamos vivendo com as nossas limitações. Temos de pagar o dinheiro que outros ficaram a dever. A pouco e pouco temos de tomar atitudes, e essas atitudes, acima de tudo têm que ser responsáveis. Este dia de respeito pela memória, é um dia de respeito pela responsabilidade, e de exigência da responsabilidade. Reparem bem neste país em que estamos, o estado em que se encontra o sistema dos bancos, um ex-primeiro ministro preso, acham que isto dignifica um país? Independentemente, da justiça funcionar, acham que isso dignifica um país? O mais grave disto tudo não é a pessoa ser presa, não é o que está a suceder nos bancos, é o descredito que isto nos dá em termos nacionais e internacionais.-----*



Borba

Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2015)

*Os movimentos de cidadãos aparecem por causa da necessidade de participação das pessoas. Será que os partidos políticos se esquecem que tudo funciona se houver **Democracia**. As pessoas estão fartas desse tipo de democracia dita partidária, conseguindo juntar-se e demonstrar que existem mais, além dos partidos.*-----

*Acima de tudo, a grande vitória do vinte cinco de abril, foi dito pelas duas meninas, é a **Liberdade e a Democracia**.*-----

*O vinte cinco de abril, na altura em que foi feito, o programa do MFA assentava em 3 "D". **Democratização** – vivemos em Democracia, somos nós que escolhemos, somos nós que votamos no partido que queremos. **Descolonização** também foi feita. Conheci um comandante a quem perguntei se a descolonização tinha sido a correta, disse-me claramente: foi a possível na altura.*-----

Todos sabemos que a nível de desenvolvimento, estamos muito melhores que antes do vinte cinco de abril., mas será que este desenvolvimento é aquele que nós queremos? Temos as estradas feitas e as casas feitas, e depois o resto? A nossa capacidade de dar, de exigir, devemos-la ao vinte cinco de abril. O vinte cinco de abril obrigou-nos a ter essa obrigação, será que a merecemos?-----

O respeito que nós devemos ter pelo vinte cinco de abril, é acreditarmos que a democracia sendo o pior dos males, tem que ser participada, vivida, e quando nós abdicarmos dessa participação cívica, é evidente que as coisas nunca irão funcionar.-----

Vinte cinco de abril é um dia de memória e de respeito-----

Vinte cinco de abril é um dia de liberdade-----

Viva o vinte cinco de abril-----

Viva Portugal, viva Borba-----

Muito obrigado.-----

----- Finalmente discursou o senhor **Presidente da Assembleia Municipal (anexo 8)**.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia Municipal** deu por encerrada a Sessão pelas onze horas e vinte cinco minutos, da qual se lavrou a presente ata, composta por cinco páginas, que por ele vai ser assinada e pelos secretários.-----

- Documentos anexos a esta ata:

Anexo 2: Discurso proferido pela jovem Maria Inês Carapeta

Anexo 3: Discurso Proferido pela jovem Rute Canhão Pereira

Anexo 4: Discurso proferido pelo representante do CDU

Anexo 5: Discurso proferido pelo representante do PSD

Anexo 6: Discurso proferido pelo representante do PS

Anexo 7: Discurso proferido pelo representante do MuB



Borba

Município de Borba

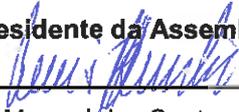
Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2015)

Anexo 8: Discurso proferido pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

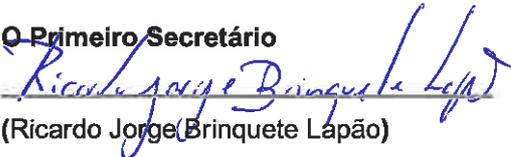
Borba, 25 de Abril de 2015

O Presidente da Assembleia Municipal



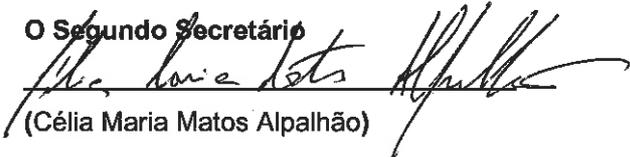
(Luiz Manuel dos Santos Bimbo)

O Primeiro Secretário



(Ricardo Jorge Brinquete Lapão)

O Segundo Secretário



(Célia Maria Matos Alpalhão)

Exm^o Sr. Presidente da Assembleia Municipal, exm^o Sr. Presidente da Câmara Municipal, restantes membros da assembleia, senhoras e senhores,

Estamos hoje aqui para mais uma vez, a quadragésima primeira, celebrar uma data histórica para Portugal, o 25 de Abril de 1974. Como calculam, não vivi o tempo antes, apenas o tempo depois deste grande acontecimento histórico. Os conhecimentos que tenho, adquiri-os através da minha família, na escola, e na sociedade em geral.

O que sei é que o nosso país, e principalmente grande parte da população que hoje temos, viveu um regime de ditadura, em que a palavra "liberdade" não entrava no vocabulário nem dos mais audazes, que grande parte da população não via os seus direitos respeitados e as condições de vida estavam longe de serem as ideais. Atualmente, que temos o direito de poder dizer o que pensamos, é importante realçar entre o nosso povo a diferença entre o exercício da nossa liberdade, e a liberdade dos outros.

A nossa liberdade termina quando começa a do próximo, e isso é algo que devemos ter sempre em conta a fim de nos tornarmos pessoas melhores, mais conscientes, de nos tornarmos um povo com competências de exercer uma cidadania autêntica. É também importante falar dos que sobreviveram aos tempos da ditadura, que requereram uma grande determinação e força de vontade para a derrubar.

Agora, falo pela minha geração quando digo que não seria fácil a nenhum de nós, tão habituados à nossa liberdade, de viver nesta altura. E é por isso mesmo que temos um tão grande apreço por todas as pessoas que prepararam o fim do Estado Novo. São pessoas a quem quero chamar de "heróis". Não vivi no tempo da ditadura do Estado Novo, mas tenho a maior gratidão do mundo por termos tido o Movimento das Forças Armadas, as pessoas certas, os militares corajosos ao comando da Revolução do 25 de Abri, que hoje em dia nos permite ser aquilo que queremos.

Gostaria assim de deixar a minha palavra de apreço aos Capitães de Abril e a todas as pessoas que lutaram por nós, que lutaram para que a nossa vida hoje em dia fosse melhor que o tempo dos nossos avós. Eles e as gerações anteriores lutaram para que hoje pudéssemos falar abertamente sobre o que quisermos e precisarmos, sem medo de repercussões, sem medo de ser torturados, sem medo de ter e ser aquilo que queremos.

Obrigada, e viva Liberdade! viva o 25 de abril!



Ex.^{mas} Srs Presidentes da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal
de Beira, restantes Autarcas e deputados municipais

Texto

25 de Abril de 1974

Anexo 3

Na minha opinião, a Revolução de Abril de 1974 foi muito importante para Portugal, a sua população e as gerações futuras. Tudo se passou num período em que havia perseguições pela PIDE, onde os cidadãos eram torturados, por vezes até à morte, presos e até exilados conforme a gravidade dos seus atos contra o Estado Novo.

O país manteve uma política baseada nas colónias do "Ultramar", obrigando os jovens a defender militarmente as colónias em Angola, Guiné e Moçambique. Economicamente, o regime manteve uma política de condicionamento industrial que resultava no monopólio do mercado português. O país permanecia pobre e os jovens eram obrigados a emigrar.

Em agosto de 1973, em Bissau começaram a ser organizadas reuniões secretas devido à opressão das forças policiais. No dia 14 de março de 1974 a última reunião clandestina decide derrubar o regime.

~~Na minha opinião, a Revolução de Abril de 1974 foi muito importante para Portugal e para a sua população. A Revolução pôs fim ao isolacionismo a que Portugal estava condenado há vários anos, ajudou ao nascimento de novos países independentes. A Revolução é conhecida por defender os seguintes princípios: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver. Foi o lema que fez regressar Portugal ao fórum das nações livres e amantes da paz.~~

Toda a liberdade de expressão que temos hoje deve ser agradecida ao Movimento das Forças Armadas que conseguiu derrubar um regime ditatorial que durante 48 anos oprimiu o povo português. Tudo isto se passou na madrugada e no dia de grande glória, o dia 25 de abril de 1974 em que terminou a repressão, regressara a liberdade e a democracia, estando para breve o fim da Guerra Colonial e do Colonialismo.

Rute Pereira e David Lobinho



Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Exmos. Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores.

Comemoramos este ano mais um aniversário do 25 de Abril, momento épico da história de Portugal. Ato heroico do povo português, concretizado em revolução pelo Movimento das Forças Armadas, 1974. Dia de inspiração para a consolidação da liberdade, renascer da esperança, criação de um novo alento. Ensejo determinante para vida de um país mergulhado no obscurantismo de meio século de tirania fascista, absorvido pela insensibilidade de um regime autoritário, castrador, opressivo e violento. Afundado por uma política colonial de cariz imperialista, expressa numa guerra com mais de 12 anos, que destruiu famílias, vidas e povos.

Devido às profundas transformações democráticas, económicas, sociais que resultaram desse processo revolucionário, o 25 de Abril, de 1974, representa um marco que ficará, para sempre, gravado na história de Portugal.

Paulatinamente, nos últimos 38 anos, o progresso trazido pelas conquistas da revolução de abril tem vindo a ser destruído por políticas de direita: sustentadas em ataques à constituição da república, campanhas de intoxicação informativa, redução da pluralidade democrática, traduzida numa alternância de poder, chamada de “arco da governação”.

Neste contexto de celebração sublime, é indispensável denunciar o retrocesso civilizacional que nas últimas quatro décadas devastou o país. É imprescindível entender como e quem conduziu Portugal a este estado. Mas, é sobretudo,



primordial: apontar soluções; reavivar a esperança que o povo português pode/deve, acreditar nas potencialidades que o país dispõe; que existe um caminho alternativo para uma vida melhor para todos, que passa: pela rutura com esta “marca” de destruição dos pilares do progresso; pelo fortalecimento da democracia, do estado de direito, assente no humanismo e numa sociedade mais justa e mais fraterna.

Portugal atravessa, hoje, uma crise estrutural inquietante, expressa numa chocante desigualdade social e económica. O povo português vê, a cada dia que passa, a sua vida mais dificultada, mais afunilada, com menos perspetivas, mais negra, sem futuro. Num país que definha, com uma população cada vez mais envelhecida – com uma política de natalidade desastrosa, onde as crianças vão para as escolas com fome, sem investimento público, particularmente em áreas estruturantes - serviços públicos, infraestruturas, educação, justiça e ação social.

Carregamos nas nossas costas uma dívida insustentável, provocada por uma escalada de corrupção ímpar; por negociatas de parcerias público-privadas, sempre ruinosas para os interesses nacionais; pela venda ao desbarato dos principais setores estratégicos da nossa economia; pelo abandono quase total da produção nacional; é este o resultado de décadas de política de direita, protagonizada por PSD, CDS e PS.

Este é o Portugal de hoje, submetido aos ditames do neoliberalismo europeu, cujo ator principal, o atual governo, rouba salários, pensões, prestações sociais; permite, com total impunidade, a sistemática violação dos direitos humanos (direito à saúde, direito à vida); ataca todos os direitos dos trabalhadores, com destaque para a feroz perseguição aos trabalhadores do Estado; afronta a autonomia do poder local democrático; arruína o Estado Social; favorece negociatas; protege escandalosas corrupções e despreza todos os valores sociais. Este é o mesmo governo que manobra na orla/margem da Constituição, desprezando a legalidade democrática;



que está obstinado pela destruição da democracia e aplaude a ditadura do capital, propalada no centro da europa.

É este mesmo governo que afirma «ter os cofres cheios de dinheiro» e ignora mais de três milhões de pobres. Sem pudor, afirma acérrima vigilância ao precioso tesouro para fazer face a mais resgates bancários, a mais falcatruas do capital. É com clareza que assume aceitar a fome que se espalha e vê com “bons olhos” «o povo de barriga vazia» e tolera sem constrangimentos, um país onde um terço das crianças é pobre.

Adensa-se, a cada dia que passa, a pressão sobre os trabalhadores, sobre o povo português, justificada pela obsessão da dívida e do défice orçamental. O esbulho ao povo, mais acentuado na última década, apenas serviu para engordar os bolsos dos causadores da crise que continuam impunes, à sombra da pala do representante do ultracapitalismo europeu, em Portugal, o governo PSD/CDS. O resgate de que Portugal foi alvo, apenas serviu para transferir dívida privada (dos banqueiros) para dívida pública. O castigo passou a ser do povo e os benefícios passaram a ser dos poderosos. Nos últimos 4 anos – período curto, mas bastante negro da nossa história - a dívida do estado passou de 200.000 milhões de € para 280.000 milhões €, o que se traduz num aumento de 40%. Os encargos com a dívida asfixiam o país e o povo, enquanto o delirante governo do capital difunde o mito que a recuperação da economia e o crescimento económico em Portugal são possíveis, se se basearem apenas nas exportações. Ministros e súbditos afirmam, sem vergonha, que Portugal está melhor. O que será Portugal para esta gente? A elite? Os poderosos? Os abastados? Os que veem as dificuldades passar-lhes ao lado? Os que colocam milhões em paraísos fiscais? Sim para “esse Portugal” tudo são maravilhas. Mas para o território antropológico, PORTUGAL, para o país real, para os portugueses, que vivem com o suor do seu trabalho, para os reformados e pessoas com deficiência, para os desempregados e para os jovens, a realidade é outra. Para o Portugal dos



portugueses, a vida é cada vês mais difícil, os meses tornaram-se mais longos e os salários mais curtos. As suas casas passaram a ser as dos seus pais, ou a rua. A saúde é uma miragem, uma façanha que pode muito bem acabar em morte. A educação é um caos com um corte de 700 milhões de euros no ensino básico, grupos de crianças depositadas em turmas desproporcionadas/desajustadas, com tardia colocação de professores, onde parece que tudo interessa, menos a educação das crianças e jovens. A justiça, um paraíso para os poderosos e um suplício para o povo. A segurança social, um alvo a abater. As empresas que asseguram os serviços públicos, para privatizar ao desbarato.

É evidente que “Portugal está numa situação bastante diferente do que estava há 4 anos”, afirmação de fachada do atual governo, está mesmo diferente, mas para pior: com um PIB mais reduzido, substancialmente mais endividado, com mais desemprego, com mais pobreza e emigração, mais exclusão, desigualdade e conflitos sociais.

A mudança que se deseja para o nosso país passa por rumo diferente, um rumo que nos liberte do jugo do apetite feroz do capital, que olhe, para e pelos habitantes, deste território – os portugueses. Portugal não está condenado ao veneno letal da dívida e do défice, o país tem potencialidades, assim estas sejam a prioridade da governação futura. É determinante afirmar: a produção nacional – pesca, indústria e agricultura – é fundamental: colocar a pagar a crise, os seus autores – os grupos capitalistas que a criaram e dela se alimentam. A riqueza gerada neste país tem de ser distribuída de uma forma mais equitativa. A estimulação do consumo – especialmente de bens de primeira necessidade – é crucial: para a dinamização da nossa economia, conseqüente criação de emprego, aumento das receitas do estado. Só com uma política fiscal justa, é possível quebrar as significativas desigualdades que assolam o país; é exigência: harmonizar os impostos sobre os rendimentos (IRS e IRC); o IRC incide sobre as empresas, representando 09%; o IRS incide sobre aqueles



que trabalham por conta de outrem – representa cerca de 75% do total das receitas do estado. Os números são ainda mais escandalosos se considerarmos que os rendimentos do trabalho e pensões representam 91% das cobranças de IRS, contrariamente aos do CAPITAL com apenas 9% do total de imposto cobrado, aliás, a taxação sobre os rendimentos do capital – dos que vivem da especulação financeira – desceu, vergonhosamente, 13%, desde 2007.

A saúde, a educação, a justiça, a segurança social, as políticas sociais, têm de ser uma prioridade governativa, tal como defendem os ideais de abril e da constituição da república. É imprescindível uma forte mudança inspirada nas conquistas da revolução do 25 de Abril que passe por: respeito pela legalidade – a começar pela constituição portuguesa; proteção real da saúde, sem taxas moderadoras; promoção ativa da educação e da justiça; valorização do trabalho – com melhor distribuição da riqueza gerada; execução de políticas sociais inclusivas; reposição dos salários, pensões e prestações sociais; ativação de programas de emprego; impulso de políticas de desenvolvimento das zonas territoriais subdesenvolvidas, designadamente, políticas conducentes à fixação de população; reposição dos serviços públicos de proximidade; reforço das competências do poder local, cobertas por crescimento das transferências de capacidade económica; definir/executar verdadeira política de natalidade, assente: numa rede pública de Obstetrícia, ginecologia, cuidados pediátricos; que assegure o abono de família às crianças, que não privatize a gestão dos centros de saúde, que defenda a escola pública, para todos.

Abril é o caminho para a rutura com a situação em que país se encontra. Só com os valores da revolução dos cravos e da Constituição da República é possível alcançar a útil/desejada mudança de rumo, que o país necessita.



Senhoras e senhores, para terminar, gostaria de citar um excerto do poema de Ester Cid – Cravos Vermelhos de Abril

“... São mãos dadas de vontade

Primaveras que florescem

ruas desertas que se enchem

terra fecunda que dá flor

searas que dançam ao vento

risos de crianças mil

corpos que fazem amor

abraços ternos de Abril...

... Cravos vermelhos de Abril

erguidos em cada mão

guardiões da liberdade

defensores da Revolução.”

COM ABRIL, DIZEMOS BASTA DE DECLÍNIO NACIONAL!

EM ABRIL, VEMOS A MUDANÇA E O PROGRESSO

25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO, NUNCA MAIS!...

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA PORTUGAL COM FUTURO

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Borba
Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Borba
Excelentíssimos Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Borba
Excelentíssimos Senhores Presidentes de Junta de Freguesia do
Concelho
Excelentíssimos pares e demais entidades convidadas
Senhoras e Senhores

Evocar uma data histórica importante, como é a do 25 de Abril de 74, comporta sempre um duplo risco, aqui já bem comprovado.

Por um lado, o de deixar as comemorações demasiadamente marcadas pela preocupação política de actualidade, como se a História não passasse de um simples pretexto, como qualquer outro, para disfarçar, na solenidade de palavras evocativas, algumas meras intenções políticas que se jogam no presente mais imediato.

Por outro lado, o de procurar, ainda que involuntariamente, reescrever a História, do antes e do depois, numa atitude, por vezes, pouco serena, à medida das ambições perdidas e não realizadas ou exorcizando fantasmas que nada dizem aos mais novos nem ao futuro.

De facto, o que importa aqui não é tanto a luta da memória contra o esquecimento, mas antes o redescobrir pontos de partida para novas ideias e acções.

cantar, conforme a liberdade e as opções de cada um, isto é, ter um Portugal Livre.

Foi pois, uma Revolução feita pelos jovens e dirigida para os jovens e para o futuro.

Uma coisa sei: passados estes 41 anos, muitas questões podemos levantar sobre o que mudou no País e nas Pessoas, com a Revolução de Abril.

Mas uma certeza: ninguém pode contestar que as coisas nunca mais foram as mesmas; para melhor ou para pior, Portugal e os Portugueses mudaram!

E apesar das conquistas de Abril e da melhoria substancial da qualidade de vida global dos cidadãos ao longo destes 41 anos, Portugal é ainda um país com carências e ineficiências, quando comparado com os seus parceiros europeus em certos aspectos, como a justiça, educação ou cidadania. Quero pois, com isto dizer, que teremos ainda que fazer muito melhor, e que Abril necessita de ser construído diariamente, pelos nossos políticos e pelos portugueses.

Senhoras e Senhores,

Comemorar Abril é respeitar o seu espírito e lançar bases para o futuro, é traçar caminhos possíveis que nos permitam acreditar num amanhã mais próspero e mais justo.

O 25 de Abril de 1974 – como sinónimo de Liberdade. Mas afinal qual o seu significado?

E a resposta sincera é: Não Sei!

E não sei porquê?

Da mesma forma, que não sei o que é estar preso.

Ou, da mesma forma que não sei o que é ser pai, pois ainda não tive essa felicidade.

Com isto quero dizer, que nós gerações nascidas após o 25 de Abril, com toda a certeza, não sabemos o que é não ter liberdade, pois nascemos com ela e não nos imaginamos a viver sem ela.

A minha geração não esteve presente nos acontecimentos de 1974, mas foi seguramente uma das destinatárias dos ideais da Revolução.

O maior dos seus comandantes, o capitão Salgueiro Maia, tinha apenas 29 anos de idade, sensivelmente a minha idade. Na sua coluna militar saída de Santarém, os camaradas que o acompanhavam eram ainda mais novos e o movimento dos capitães, dirigia-se directamente aos mais jovens com um objectivo essencial: acabar com a guerra colonial, acabar com o garrote da censura, abrir as portas da liberdade, o fim da prisão política, o fim dos tribunais plenários e de condenações por delito de pensar, falar, escrever ou

Na ideia e pensamento de Winston Churchill, um dos maiores políticos do século XX, a democracia é o menos mau dos regimes políticos. Sendo produto do pensamento e acção humana, a democracia não é um sistema perfeito, mas é o mais próximo da perfeição, na medida em que igualiza os homens através do voto em liberdade e lhes dá a capacidade de decidirem o seu destino colectivo sem coacções.

Importa celebrar o 25 de Abril, para lembrar os nossos governantes, tenham eles a cor política que tiverem, que a sua acção política será sempre ineficaz se não houver um projecto de futuro que procure criar políticas que atendam às aspirações de um povo e que mobilize todos os cidadãos para um projecto nacional, que promova o crescimento, combata a exclusão social e seja direccionado para a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida das pessoas.

Muito importante também, é que os jovens saibam que indiscutivelmente que o 25 de Abril foi o grande momento de viragem para uma sociedade livre e moderna, a base do sistema social em que hoje vivemos.

Senhoras e Senhores,

Como já referi, não venho falar do passado. Penso que, provavelmente hoje, a melhor forma de homenagear o espírito de Abril, não é tanto evocar o passado, mas é sobretudo partilhar algumas reflexões relativamente ao futuro e é isso que procurarei fazer.

Os jovens de hoje são em considerável percentagem, portadores de elevados graus académicos, na sua maioria detentores de conhecimentos técnicos e científicos fundamentais para o desenvolvimento da economia do nosso país.

A sua elevada competência e formação é aliás aceite e reconhecida nas economias estrangeiras mais desenvolvidas e poderosas do mundo. Contudo o mercado interno não tem tido capacidade para os aceitar.

Para alterar esta estranha contradição, a solução terá que passar pela reestruturação da nossa débil economia, tendo por base a produção, inovação e melhor aproveitamento dos nossos recursos.

Não podemos continuar alimentar a ideia de que cabe ao Estado financiar, directa ou indirectamente, a economia portuguesa já de si fustigada por anos de esbanjamento e descontrolo nos gastos públicos, como se assistiu nas 2 últimas legislaturas do Partido Socialista.

O desenvolvimento terá que passar pois, por este binómio inultrapassável – cessar o gasto excessivo / eliminar despesas inúteis e aumentar a riqueza através dos meios de produção.

Apostar na criatividade, incentivar o empreendedorismo, apoiar a investigação científica, desenvolver a formação profissional, reestruturar o Estado, medidas políticas que em época reformista se impõem como elementos fundamentais para todo e qualquer projecto de vida de um País, país esse que se quer mais digno, mais forte e mais justo.

Senhoras e Senhores,

Acredito sinceramente, e digo-vos a todos, olhos nos olhos, que a profunda reestruturação que o país está a sofrer neste momento, fruto da corajosa acção governativa deste governo, nos conduzirá a anos vindouros de maior prosperidade, crescimento e esperança.

Recuperámos a nossa autonomia e ultrapassámos a gravíssima crise que o PS ofereceu aos Portugueses. Foram anos muito difíceis, em que o Governo foi posto perante escolhas difíceis mas determinantes para salvaguardar um futuro sustentável. Mas nunca hesitou em colocar Portugal acima de tudo. E, nestes anos de emergência financeira, não se limitou apenas a sustentar a tempestade do presente. Começou imediatamente a preparar o futuro.

Este foi o mandato mais reformista de qualquer governo da nossa história democrática. Não foi apenas um Governo que se limitou a pagar as dívidas que o PS tinha deixado ao País. Foi um Governo que reformou todas as áreas fundamentais da nossa sociedade: a Justiça,

a Defesa, a Segurança Social, a Saúde, a Educação, a Administração Pública, tornando Portugal mais forte e mais justo.

Desburocratizou e deu mais força aos reguladores. Trouxe mais concorrência à economia e cortou nas rendas excessivas na energia, nas PPP, nas comunicações e nos medicamentos.

Implementou a estratégia do crescimento verde e a Fiscalidade Verde, já elogiada por organizações internacionais, e que é uma peça-chave do desenvolvimento sustentável e do uso eficiente dos recursos escassos que são de todos.

Está a concretizar-se uma mudança muito importante nos serviços de atendimento do Estado, com uma estratégia coerente de política do território e uma aplicação intensiva das novas tecnologias. Ao mesmo tempo, iniciou-se um processo de descentralização das competências do Estado central para as autarquias locais, nos domínios em que devemos explorar melhor a proximidade, como a saúde, a educação ou a assistência social.

Muito foi feito nos últimos anos, mas o trabalho ainda não está concluído e cabe-nos a nós portugueses não deixar que tudo aquilo por que nos sacrificámos e prescindimos, seja agora posto em causa por irresponsabilidade e populismo de quem quer ganhar as eleições a todo o custo. Tal como o fez no seu próprio partido, pela sua ânsia de poder, António Costa tudo fará e tudo prometerá para que o PS

regresse novamente ao Governo, sem ter em conta as consequências que isso poderá trazer a Portugal e aos Portugueses.

Troika nunca mais!

Senhoras e Senhores,

Termino com aquela que para mim é uma das mais belas descrições daquilo que representa o dia 25 de Abril de 1974:

*“ esta é a madrugada que eu esperava,
o dia inicial inteiro e limpo,
onde emergimos da noite e do silêncio,
e livres habitamos a substância do tempo”,*

Conforme escreveu Sophia de Mello Breyner num dos seus mais belos poemas.

Viva Abril!

Viva Borba!

Viva Portugal!

Obrigado.

Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Sr. Presidente da Câmara Municipal

Srs. Vereadores

Restantes membros desta Assembleia e ilustres plenipotenciários

Digníssimo público

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Valeu a pena?

Oh! Se valeu. Já dizia o poeta, tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Mas não é de almas nem de estados de alma que nos devemos ocupar, mas sim das vidas! Sim, foram milhares de vidas fustigadas, destruídas, condenadas, pela incipiência em pensar além da austeridade. Que estranho dilema este – após 41 anos de Liberdade, 40 das primeiras eleições livres e 39 de um regime Constitucional, voltarmos a onde tudo começou. À notória falta de ousadia em pensar fora da caixa. Mas foram tantos, milhares, enviados para a pobreza, para emigração e, muitos deles, portugueses como nós, colocados à margem da sociedade no labirinto da exclusão social. O Estado a que chegamos é diferente daquele que levou Salgueiro Maia - cuja memória todos nos devemos vergar – a desobedecer, e finalmente por um fim à Longa Noite do fascismo. É diferente, mas não é menos penoso. Temos, como disse Mário Soares, um governo no melhor dos mundos e um país a morrer aos poucos.

Não há fascismo como o antigo. Não há nem pode haver, porque está fora de moda. Mas o discurso, tenuemente dissimulado, lá continua. Sobre os militares de Abril (são mais uns a viver de subvenções numa associação patética que não serve para nada) e a direita acrescenta com a sua velha máxima do reacionarismo “Ninguém é dono do 25 de Abril”. E não. Com diferença, há quem gosta mais e quem gosta menos do 25 de Abril. E esta direita, desde sempre, escolheu o seu caminho. Em 40 anos de democracia apenas em 4 (nestes últimos), os militares de Abril, a quem devemos tudo, faltaram às cerimónias oficiais, porque será?

Planearam tirar-nos tudo. Foi o salário, a pensão, a saúde, a educação, a justiça, os apoios sociais, enfim... tudo. Colocaram os portugueses uns contra os outros. Segregados pela posse ou não do dinheiro. Fizeram transparecer que quem tem mais, apenas tem de contribuir mais, sob forma de caridade e não para ajudar os mais pobres como deve funcionar qualquer sociedade decente, porque é aí que se funda o contrato social que vem um pouco por todo o lado na tradição que nos faz. Como forma natural de viver em sociedade. Tão simples como isso, como forma natural de viver em sociedade.

Somos parte de um país amedrontado. Onde, de um lado, não se discutem propostas nem argumentos, reencarna-se o bafiento discurso do salazarismo de induzir o medo. Chantageia-se, propaga-se a incerteza. “Estão a ver, sem nós a *troika* voltará”. “Vão destruir o que conquistamos” Não se assumem responsabilidades, ninguém se demite. Temos um Primeiro-ministro que se esquece de pagar os impostos e soubemos (há poucos dias) que temos também os cofres cheios, vejam só. Os cofres cheios, nada mais são de que uns cofres cheios de dívida, de miséria, cheios de nada... Nunca houve

tantos desempregados. Nunca houve tantos emigrados. Tanta precariedade. Por causa deles, vivemos todos com medo. Com medo de perder o emprego, de perder a pensão, os direitos. O medo impera na sociedade portuguesa. O medo de chegar ao fim do mês e não conseguir pagar a renda e as contas, a escola dos filhos, ou até, nalguns casos, sem saber se haverá comida na mesa. Sem saber se dos magros rendimentos sobrarão uma migalha, para ajudar os pais, idosos, a comprar medicamentos ou outros bens quaisquer. Pessoas que contribuíram toda a vida e cuja reforma, cortada, já mal chega para sobreviver. Ou pelo reverso são os mais velhos que suportam as famílias que aguentam as prestações dos filhos e os encargos gerados pelos netos. Conduziram-nos a uma crise intergeracional. Uma crise que afeta filhos, pais e avós. Impõe-nos um ajustamento moral. Punitivo. Um castigo prolongado e dito com o maior dos despudores, como se tivéssemos de ser repreendidos por viver acima das possibilidades. Para eles, ter paz, pão, habitação, trabalho, saúde e educação é uma luxúria. E o pior disto tudo, é, que o dizem muito contentes, afirmando que não há alternativa. Que tristeza para um país com mais de nove séculos! Em democracia há sempre alternativa! É preciso que as coisas mudem, e vão mudar certamente.

A memória é a consciência inserida no tempo. E, é mesmo por ter memória que sabemos onde estamos, por que razão aqui chegamos e para onde queremos ir. Quando foi preciso defender nas ruas, a liberdade conquistada e lutar intransigentemente contra a unicidade sindical e os sinais que anteviam uma nova ditadura em sinal contrário, o Partido Socialista não enjeitou a missão. O povo português sabe bem quem assumiu esse papel. Como sabe bem quem defendeu, em todas as horas, uma democracia consolidada, pluripartidária e uma constituição da república que salvaguardasse os direitos de todos os portugueses. O povo português sabe quem nos abriu as portas da Europa, como quem criou aquela que é, talvez, a maior conquista desde o 25 de Abril pela igualdade e coesão social, o Serviço Nacional de Saúde, e que hoje – por ação do triunvirato Passos Coelho, Paulo Portas e Cavaco Silva, simplesmente não existe. O povo sabe quem, por diversas ocasiões, significou, em muitos casos, uma fronteira que impediu o retrocesso ao passado. Hoje, como sempre, não fugimos da nossa responsabilidade. Estamos cá, com o mesmo sentido de dever à causa pública que nos fez encher a Fonte Luminosa em 1975. Com o mesmo amor ao país e aos nossos compatriotas, para voltar a dar esperança num futuro melhor.

Para lá da congénita emoção e entusiasmo, importa lembrar que este 25 de Abril tem um saborzinho especial. Será o último. O último em que assistiremos a um ex-colaborador da PIDE – um verdadeiro azar dos Távoras para este nobre povo –, que exerceu cargos políticos por mais de duas décadas e ainda, mas por pouco tempo, figura como mais alto magistrado da Nação. É doloroso de mais para quem ama a Liberdade, assistir à pérfida figura de Cavaco Silva na tribuna, em cima dos cravos – os mesmos cravos que, faz hoje um ano, subitamente, lhe caíram na frente – enquanto Cavaco, alienado da realidade lá prosseguia a sua prosa fúnebre. Percebe-se a vergonha e o embaraço do símbolo da revolução. É exatamente igual à de milhões de portugueses que o detestam, e que não permitem que saia à rua sem ser vaiado. Mas 2016 será diferente, não só correremos com o governo antipatriótico de Passos Coelho e Paulo Portas, como será possível voltar a respirar fora da alçada angustiante do cavaquismo. O ar fica mais limpo.

Devemos a Abril tudo o que somos enquanto Nação livre e democrática. Tudo. E Abril não merece que lhe façamos isto. Abril não merece no poder quem nos trata como números ou como um protetorado. O Povo não tem canhões, nem chaimites, nem blindados. Todavia, tem algo mais poderoso: a Rua, a Voz e o Voto! E é especialmente o voto, a nossa única arma e a mais nobre, temos não só o direito mas sobretudo o dever de empregar. A melhor forma de honrar Salgueiro Maia e os que com ele conquistaram a Liberdade é justamente, usar a arma que nos deram. Façamos o sonho de Abril eterno, e não deixemos que a vontade de tantos seja destruída por tão poucos. É uma questão que temos connosco mesmos, como no poema de Miguel Torga:

Livre não sou, que nem a própria vida
Mo consente.
Mas a minha aguerrida
Teimosia
É quebrar dia a dia
Um grilhão da corrente.

Livre não sou, mas quero a liberdade.
Trago-a dentro de mim como um destino.
E vão lá desdizer o sonho do menino
Que se afogou e flutua
Entre nenúfares de serenidade
Depois de ter a lua!

Miguel Torga, *Conquista, Cântico do Homem* (1950)

É contra quem nos quer desdizer o sonho que temos de continuar a lutar. Lutar, com todas as nossas forças e por todos os meios. Não necessariamente pelas mesmas coisas, mas contra as mesmas coisas. O que nos une é bem maior que aquilo que nos divide. A memória de Abril obriga-nos a olhar para o futuro, e este presente, não é, nem pode ser o nosso futuro! Estou certo, que, em Outubro, aqueles que viveram e todos os que sonham Abril farão renascer a esperança e devolver Portugal aos Portugueses!

25 de Abril, Sempre

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!



INTERVENÇÃO DO MUB

Assembleia Municipal Extraordinária

25 de Abril de 2015

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Borba,

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Borba

Exmos. Srs Vereadores,

Eleitos desta Assembleia Municipal

Senhoras e Senhores,

Comemoramos mais um aniversário do dia 25 de Abril. Passaram já 41 anos dessa data que a todos nós marca, de forma significativa.

Cada um de nós tem uma noção das consequências de Abril. As palavras LIBERDADE e DEMOCRACIA são as mais pronunciadas neste contexto.

Se perguntamos a 10 pessoas o que foi o 25 de Abril de 74, teremos com certeza 10 respostas diferentes. A objectividade das mudanças necessárias, colide com a subjectividade das opções políticas que durante os últimos 41 anos nos deixam apreensivos.

Vou enumerar algumas palavras que surgiram com o 25 Abril: Liberdade, democracia, povo unido, antigo do regime, Capitães de Abril, MFA, esperança, descolonização, revolução.

É nas paredes, nos Murais Artísticos, que se gritam as novas palavras de ordem:

Vou citar algumas:

***A revolução triunfará
A terra a quem a trabalha
A vitória é difícil mas é nossa
Abaixo a exploração capitalista
Casas sim! Barracas não!
Dá mais força à liberdade
Em frente com a Reforma Agrária
Fora com a canalha o Poder a quem trabalha
GNR fora das cooperativas
Junta a tua à nossa voz
Morte ao fascismo
Não ao aumento do custo de vida
Nato fora de Portugal, Portugal fora da Nato
Nem Deus nem Chefe
Nem mais um faroleiro para as Berlengas
Ninguém há-de calar a voz da classe operária
O sol brilhará para todos nós
Operários, camponeses, soldados, marinheiros, unidos***

vencerão!
Pão Paz Terra Liberdade, Independência Nacional
Por uma vida melhor
Sem cultura não há liberdade
Todos unidos com o MFA
Voto do povo para a vitória do povo

“Ser homem ou mulher antes do 25 de Abril significava ter direitos e obrigações bem diferentes. Igualdade entre os sexos era algo impensável antes da Revolução. As diferenças começavam nos salários e chegavam até às autorizações para casar.

Uma das principais mudanças trazidas pelo 25 de Abril foi o Serviço Nacional de Saúde. Antes da revolução, a assistência médica em Portugal não estava assegurada para todos. Isso mudou com a chegada da democracia.

Com a revolução os portugueses passaram também a ter férias e o subsídio respectivo. Com esta conquista cresceu o chamado turismo popular. Apesar deste direito há ainda passados 41 anos quem nunca tenha tido um mês de descanso.

As pequenas lojas de bairro sofreram e muito com o aparecimento das grandes superfícies. O fiado foi substituído pelos cartões e pelas promoções. Já os supermercados trouxeram maior quantidade e variedade de produtos.

Muitos foram os livros que a PIDE/DGS proibiu em Portugal, antes da Revolução de Abril. No país de um Prémio Nobel da Literatura, os escritores tiveram um papel decisivo ao retratar a sociedade portuguesa e a denunciar as dificuldades dos portugueses. Antes e depois de Abril, os livros continuam a ser o espelho da Liberdade.

O 25 de abril provocou uma quebra na publicidade. Várias empresas foram nacionalizadas e os anúncios ficaram associados à ideia de capitalismo. Mas a publicidade sobreviveu.

A chegada da democracia a Portugal teve impacto no sistema de educação. O país diminuiu a iliteracia, mas mesmo assim o abandono escolar em Portugal é ainda um dos mais altos da União Europeia.

A frase "a terra a quem a trabalha" marcou o sul do país durante anos - uma reforma que deixou cicatrizes profundas que ainda hoje permanecem, quer no lado dos proprietários, quer no lado dos trabalhadores agrícolas.

Porque o Estado Novo preferia manter a mão de obra barata sob controle, emigrar era muito difícil, ou quase impossível, durante a ditadura salazarista. Apesar disso, quase dois milhões de portugueses passaram a fronteira a salto, a coberto da noite e dos caminhos acidentados, ajudados pelos que conheciam as raias como a palma das mãos. São muitas as histórias da fuga com malas de cartão para destinos como França e para condições de sobrevivência sub-humanas. Mas a esperança por amanhã mais sorridentes sobrepunha-se a tudo. Passadas mais de quatro décadas sobre o 25 de Abril, a emigração volta a ser a solução de recurso para muitos jovens - e menos jovens - que cruzaram as fronteiras em busca de um futuro menos sombrio.

Os 41 anos da democracia tiveram sérias repercussões no modo como a religião é praticada. Os fiéis mudaram e os padres acompanharam essa mudança.

Casa digna para todos. Foi uma das promessas de Abril, mas continua por cumprir. Quarenta anos depois da revolução, há muitos portugueses ainda a viver em espaços degradados.

Todos os filmes estrangeiros eram rigorosamente supervisionados e palavras

como "revolução", "liberdade" ou mesmo "democracia" eram cortadas. Depois do 25 de Abril, muitos têm sido os cineastas que quiseram filmar a liberdade".

*Fonte: Reportagem da RTP :
"O que mudou em 40 anos?"
(adaptado)*

Ao comemorarmos estes 41 anos pós 25 Abril não podemos esquecer o relevante papel dos municípios ao nível do poder local democrático. As autarquias tiveram, têm e terão um papel relevante no apoio e promoção do desenvolvimento do seu território. Estas estão directamente ligadas à melhoria significativa da qualidade de vida das suas populações.

Depois do 25 de Abril de 1974 verificou-se uma transformação de infra-estruturas e de equipamentos, contribuindo para a resolução das enormes carências existentes.

Um desafio fundamental dos nossos dias está associado à fixação da população no nosso concelho. O nosso concelho perdeu cerca 20 % da população nos últimos 40 anos. Temos que apostar em políticas de natalidade. Este concelho tem excelentes condições para manter os filhos da terra".

Uma palavra final para estes 18 meses de gestão MUB. O Município de Borba atravessa dificuldades económicas. A actual gestão consciente das dificuldades tem tido uma atitude de coragem ao enfrentar a falta de meios financeiros.

Desde o início deste mandato já reduziu a dívida em cerca de um milhão e seiscentos mil euros!!

A Política de sustentabilidade económica tem que continuar, apesar dos valores de desequilíbrios financeiros provocados por gestões anteriores.

Um das causas destes desequilíbrios são os custos da água em alta. O MUB, tendo consciência que situação não pode continuar nestes moldes, tem

tido intervenções nos órgãos competentes com constantes chamadas de atenção.

A gestão da água para abastecimento público tem que ter também um 25 de Abril!! Há que voltar a recuperar a gestão da água em alta.

A água é de todos e não deve ser objecto de negócios pouco claros, com grandes prejuízos para os municípios. A GESTÃO DA ÁGUA EM ALTA DEVE ASSSIM VOLTAR PARA A GESTÃO MUNICIPAL!

**Uma nota de esperança para a necessidade de todos unidos
construirmos uma sociedade mais solidária, com uma
democracia mais transparente e participada por todos,
sobretudo pelos jovens.**

Viva o 25 de ABRIL

VIVA A LIBERDADE

DISCURSO DO 25 DE ABRIL DE 2015

Ex.mº. Sr. Presidente da Câmara

Ex. mº. Srs. Vereadores

Meus ilustres pares

Estimados concidadãos e convidados

Minhas senhoras

Meus senhores

Comemoramos hoje e uma vez mais o 25 de Abril, daquele já remoto ano de 1974, e não gostaríamos mesmo na forma mais ínfima, que esta data pelo seu elevado conteúdo político, social e simbólico se transformasse em simples recordação repetitiva efectuada mais por dever de ofício do que em consonância com o seu real valor e inerente simbolismo.

Antes gostaríamos que cada ano que passa fosse eivado das qualidades da Fénix e tudo, o que estiver ao nosso alcance, faremos para que o renascimento perpétuo seja cada vez mais grandioso e sustentado, valorizando essa renovada manifestação de democracia plena, de independência, de júbilo e de alegria apoteótica de todos os portugueses.

Muito se tem dito, escrito e analisado sob os mais diversos ângulos do que foi o 25 de Abril, restando-me escassa margem para uma interpretação original, mas gostaria todavia de transmitir a todos aqueles que nasceram depois daquela memorável data, a minha perspectiva, embora sucinta, do que então se passou e do que estava em jogo na política vigente.

A repressão policial sobre o povo, o recurso à ameaça, a instalação de um clima de medo generalizado, a desconfiança, a guerra colonial, para além de todos os nefastos procedimentos de um estado totalitário, como a manutenção da carência económica, política, social e cultural, foram então oportunamente derrubados.

Assim, depois de uma muito prolongada e tormentosa noite de 48 anos de ditadura, os acontecimentos daquela madrugada foram na realidade uma epifania sentida por todos especialmente os que viveram passo a passo aqueles gloriosos tempos.

A liberdade de expressão, de reunião, de associação, o fim da guerra colonial, a instauração do SNS e o estabelecimento do poder autárquico, representaram os efeitos mais marcantes daquele movimento também chamado dos capitães.

Como nos ensina Eduardo Lourenço, em os "Militares e o Poder", com erudita exactidão, prerrogativa aliás própria do seu pensamento; *A vitória do 25 de Abril não foi a do poder militar sobre o civil mas o de um contrapoder militar apoiado numa potencial legitimidade civil sobre o poder civil ilegitimado pelo apoio abusivo do único ou quase exclusivo poder militar.*

Aos que tiveram a felicidade de não conhecer a experiência e a vivência da **não democracia**, terão sempre alguma dificuldade em imaginar como era difícil o dia-a-dia de então, cabendo sobretudo aos mais velhos transmitir as suas experiências vivenciadas, para além do desejável e necessário cotejo com a História.

Foi a intenção supra que fez hoje estarem aqui presentes jovens que trouxeram a esta Assembleia uma lufada de ar impoluto

e fresco, manifestando as suas reflexões acerca do que imaginam ter sido vivido por nós, contemporâneos daqueles tempos.

Teremos durante todo o ano e todos os anos de vestir o 25 de Abril com novas roupagens de forma a torná-lo cada vez mais atraente para os mais novos de forma a preservar esta data, adoptando comportamentos e atitudes de verdadeira e salutar alegria, independentemente dos anos transcorridos ou das respectivas inclinações partidárias.

Devemos recordar e enaltecer sempre a nossa história, uma vez que reconhecemos implicitamente, que uma comunidade, um povo ou mesmo impérios imponentes, sem história, ou sem referências simbólicas não terão nunca dignidade, sendo culturalmente indigentes.

Um dos piores sintomas de desorganização social que um povo livre pode manifestar é a indiferença por parte dos governados para o que diz respeito aos homens e às coisas da governação, porque num povo livre esses homens e essas coisas são símbolos da actividade e das energias da vida económica, social e política, sendo naturalmente fieis depositários da vontade e da soberania nacionais, diz-nos com perfeito a-propósito Antero de Quental.

O que presenciamos hoje com as sucessivas trapalhadas da governação, o aumento do desemprego, que atinge 35 % dos jovens, a fuga dos mais qualificados para o estrangeiro torna-se inevitável, o natural empobrecimento do nosso capital intelectual, os baixos salários, o parco apoio aos mais desfavorecidos, aos idosos, as condições de vida a deteriorarem-se progressivamente. Tudo isto é catastrófico, nada tendo que ver com o sonho tornado

realidade com o 25 de Abril estando este naturalmente a definhar, sendo presentemente talvez uma pálida caricatura do que então projectámos.

Corremos assim duplo risco, ainda hoje, de se não nos mantivermos muito atentos e participativos banalizarmos um acontecimento impar na nossa História, tornando-o irrelevante, constituindo apenas uma data de calendário, que gostaríamos de ver valorizada a cada ano que passa, mas principalmente e muito para além disso, fazemos face à ameaça latente mas poderosa de podermos regressar ao ponto de partida.

Na verdade o futuro será inevitavelmente diferente do presente e nestes conturbados tempos que dilaceram Portugal, a Europa e o Mundo o simbolismo das nossas referências históricas deverá fornecer o cimento necessário à consolidação da nossa capacidade, do nosso estoicismo, da nossa dignidade e da nossa memória enquanto povo várias vezes centenário.

É minha convicção e meu temor que no presente contexto económico, político e social, não me sinto muito seguro ou mesmo certo da perpetuidade do conceito democrático e por isso mesmo devo alertar aqueles que depois de mim virão dos perigos do retrocesso e das funestas consequências daí advindas.

É ainda neste estrito sentido que acompanho plenamente António Sérgio quando afirma que *“A interiorização dos luminosos princípios da Democracia, que por si só excluem a aceitação da política da força, da tirania, do arbítrio, do ódio e do crime, exige de todos nós **um permanente e renovado apostolado crítico e pedagógico**”*.

Para terminar não resisto à tentação de recordar um enorme vulto das letras portuguesas:

“Portugal está a atravessar a pior crise”: Que fazer? Que esperar?

Portugal tem atravessado crises igualmente más; mas nelas nunca nos faltaram nem homens de valor e caracter, nem dinheiro ou crédito. Hoje crédito não temos, dinheiro também não, pelo menos o Estado não tem, e homens não os há, ou os raros que há são postos na sombra pelas manobras políticas. De sorte que esta crise me parece a pior, e sem cura.

Este texto, por incrível que pareça continua perfeitamente actual, foi escrito por Eça de Queiroz em 1891 em “Correspondência”.

Obrigado pelo vosso tempo e pela atenção que se dignaram prestar-me.

Viva o 25 de Abril sempre

Viva Portugal

Viva BORBA

Borba 25 de Abril de 2015

FRASES PARA EVENTUAL APROVEITAMENTO

Gostaria que houvesse nos nossos dias um outro vate lusitano de igual dimensão, que pudesse cantar valorizando e imortalizando ainda mais este acontecimento sem paralelo na nossa história recente, mesmo na condição de regressar imediatamente a seguir ao seu repouso etéreo para onde subiu há muito, muito tempo.

Nada me daria maior contentamento do que, aqui e agora possuir a condição de contradizer frontalmente Aristóteles quando ele diz *“O tempo consome as coisas e tudo envelhece e perde valor com o tempo”*.

Já o telúrico e acutilante Miguel Toga nos refere que *“O homem ou é um indivíduo ou não é nada. Tudo menos perder a confiança que é preciso depositar no seu semelhante base de todo o convívio e de toda a colaboração”*.

Como nos alertava Eduardo Lourenço, com erudita exactidão, prerrogativa aliás própria do seu pensamento, *“a nossa Revolução serviu realmente para alguma coisa de irreversível, mas não devemos crer cegamente que a nossa situação relativamente confortável de Homens de esquerda – refiro-me à recuperação da dignidade cívica, à sua expressão política, à esperança de poder intervir com êxito no campo social – possa manter-se sem vigilância extrema e renovação profunda neste caminho preservado de uma Europa que neste momento é não só pouco democrática, mas militante e determinadamente antidemocrática”*.